

APRESENTAÇÃO

LÍNGUA PORTUGUESA: DISCURSOS LUSÓFONOS: PEDAGÓGICOS, POLÍTICOS, CULTURAIS, LITERÁRIOS E TECNOLÓGICOS

Esta edição dos *Cadernos de Pós-Graduação em Letras* reúne artigos de sete egressos de Programas de Pós-Graduação em Letras, Linguística e Literatura, demonstrando comprometimento da publicação em reunir pesquisadores das mais conceituadas universidades brasileiras que, em diálogo, como poderá ser observado a seguir, oferecem ao público leitor a oportunidade de entrar em contato com investigações em curso nas mais diversas regiões do país.

Completando a periodicidade quadrimestral de 2020, o número atual apresenta o dossiê “Língua portuguesa: discursos lusófonos: pedagógicos, políticos, culturais, literários e tecnológicos”, organizado por Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), e Nancy dos Santos Casagrande, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Os sete artigos cumprem o objetivo da coletânea de reunir trabalhos que tratam dos discursos lusófonos no que tange aos discursos pedagógico, político, cultural, literário, tecnológico ligados à língua portuguesa, numa perspectiva crítica para que se atinjam todas as manifestações linguísticas multimodais que vão sendo constituídas no mundo contemporâneo. Como base para os estudos do discurso, apoiamo-nos na análise do discurso de linha francesa (PÊCHEUX, 1988; ALTHUSSER, 1974; MAINGUENEAU, 1989, 1998, 2005, 2006, 2010, 2020), numa imbricação com questões linguísticas (KOCH, 1984, 2007), sociais, ideológicas e culturais (HALL, 2000; BOURDIEU, 1992; BUTLER, 2012). Serão bem-vindos estudos que possam trazer à luz reflexões sobre diferentes

aspectos linguístico-discursivos de abordagem da língua portuguesa, seja no campo do ensino-aprendizagem, seja no âmbito da aplicação de teorias em análise de textos sob a ótica dos discursos.

Sobre a análise do discurso (AD), devemos mencionar sua relação com a teoria linguística, a teoria do discurso e as ciências sociais, donde depreendemos que, para se fazer uma análise de um texto sob a ótica da AD, temos que analisar os elementos linguísticos presentes no texto para explicar sob que condições e por que razões o discurso foi construído, graças à presença socioideológica pela qual se entende a linguagem como produção social de sujeito historicamente constituído.

Sabemos, pois, que a AD nega a transparência da linguagem e trabalha os processos de produção de sentido com base em determinações histórico-sociais, considerando as condições de produção como fatores regentes da interpretação. Assim, podemos afirmar que todo estudo relativo às questões da linguagem, neste início do século XXI, volta-se para o discurso, visto como prática social, em que interlocutores interagem num determinado momento, num determinado espaço, desempenhando um determinado papel, e volta-se, também, para o texto, visto como produto dessa prática social.

Das considerações que merecem atenção, a primeira se refere ao termo discurso entendido como a atividade de sujeitos inscritos em contextos determinados, isto é, indivíduos que representam papéis acordantes com as posições que ocupam em tempos e em lugares determinados (por exemplo: a empresa, a escola, a repartição pública etc.). Observa-se, então, a língua em uso, a linguagem articulando-se conforme parâmetros de ordem não linguística.

Pode-se afirmar que o homem organiza, adequadamente, de acordo com a situação contextualizadora de seu discurso, os elementos de expressão que estão à sua disposição para veicular o seu discurso tomado como a materialização das formações ideológicas, sendo, por isso, determinado por elas, manifestas em suas formações discursivas.

Quanto ao nível discursivo, o homem está vinculado aos temas e às figuras das formações discursivas existentes na formação social em que está inserido. Assim, na medida em que é determinado pelas formações ideológicas, cita outros discursos, o que nos leva a afirmar que o discurso não é único e irrepetível. Remetemo-nos, então, à questão da interdiscursividade como processo de reconfiguração incessante em que uma formação discursiva é levada a incorporar elementos pré-construídos, produzidos fora dela.

Cumprir mencionar a questão do intertexto, que é a relação de um texto com outros textos, e a do interdiscurso, que são os dizeres já ditos, aqueles que estão na memória afetada pelo esquecimento. É o nosso conhecimento de mundo, constituído pelas formulações feitas e já esquecidas, que ficam na memória discursiva e que determinam o que dizemos.

O interdiscurso é nossa memória discursiva que pode ser definida como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. É o nosso saber discursivo que torna possível todo o dizer e que retorna sob a forma dos pré-construídos, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada.

Convém registrar que o intertexto está para o texto assim como o interdiscurso está para o discurso. Assim, a intertextualidade remete-se ao conjunto de relações explícitas ou implícitas que um texto mantém com outros textos, e a interdiscursividade remete ao conjunto de discursos de um mesmo campo discursivo (espaços em que um conjunto de formações discursivas se relacionam em embate) ou de campos discursivos diferentes.

Sobre os campos discursivos, podemos afirmar ser o local em que as relações de hegemonia se manifestam, em que os mitos podem criar forma e as representações são construídas. É importante ressaltar que Maingueneau (2005, p. 36), dedicado às relações polêmicas, não reduz o interdiscurso a elas, esclarecendo a conceituação de campo discursivo como um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitam-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo: “Cada campo define seu regime de autoria, julgamos de interesse avaliar em que medida a autoria é requerida e os efeitos que produz em diferentes campos discursivos, como o político, o filosófico, dramático, gramatical etc.”.

A segunda atenção estará voltada para o termo *texto*, visto como o lugar de manifestação consciente, em que o sujeito produz em sequência, oralmente ou por escrito, numa situação comunicativa determinada. Tem-se o texto como produto de uma interação ocorrida entre sujeitos que pode também ser analisado do ponto de vista de outras teorias que aproximam texto e discurso com suas peculiaridades.

Examinar-se-á, então, o texto pela perspectiva da AD, englobando as três regiões do conhecimento mencionadas por Pêcheux (1988): o *materialismo histórico*, a *linguística* mostrando a materialidade do discurso e limitando-se ao aspecto sintático, e a *teoria do discurso*, como determinação histórica dos

processos semânticos. Orlandi (2000), retomando as afirmações de Pêcheux (1988), reorganiza as três regiões de conhecimento, apresentando como escopo teórico: a teoria da sintaxe (que busca na materialidade linguística as marcas para se analisar um discurso por meio do texto), a teoria da ideologia (que busca nos textos as forças sociais e ideológicas que inscrevem o sujeito no discurso) e a teoria do discurso (que busca os efeitos de sentido, numa perspectiva histórica de construção de enunciados).

Entendemos, portanto, que o texto é o lugar da subjetividade e o discurso é o reflexo das condições de produção, havendo entre eles (*texto e discurso*) um imbricamento que pode ser analisado em seus aspectos linguísticos, sociais, ideológicos e culturais.

A terceira estará voltada para a questão da lusofonia, entendida dentro da concepção de um processo político dinâmico em que os agentes ativos devem ser Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, Portugal, Timor-Leste e São Tomé e Príncipe. Assim, devemos observar e pensar a lusofonia à luz dos interesses culturais, linguísticos e sociais que mantêm no presente os laços de amizade e de partilha; partilha de cultura e de falares distintos de uma mesma língua – a portuguesa –, pois o

[...] imaginário lusófono tornou-se, definitivamente, o da pluralidade e da diferença e é através dessa evidência que nos cabe, ou nos cumpre, descobrir a comunidade e a confraternidade inerentes a um espaço cultural fragmentado, cuja unidade utópica, no sentido de partilha em comum, só pode existir pelo conhecimento cada vez mais sério e profundo, assumido como tal, dessa pluralidade e dessa diferença. Se queremos dar algum sentido à galáxia lusófona, temos de vive-la, na medida do possível, como inextricavelmente portuguesa, brasileira, angolana, moçambicana, caboverdiana ou são-tomense e timorense (LOURENÇO, 2001, p. 111).

Assim, com base nas questões teóricas propostas e nas possibilidades analíticas apresentadas, considere-se que, para se proceder a uma análise do discurso, estar-se-á ligado ao estudo da linguagem voltada ao discurso, visto como prática social, em que interlocutores interagem num determinado momento, num determinado espaço, desempenhando um determinado papel e voltado, também, para o texto, visto como produto dessa prática social.

Passaremos a apresentar, de maneira geral, os conteúdos dos textos deste número dos *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, agrupando-os em temas afins.

Neste dossiê, a lusofonia, assim como o discurso que se produz acerca de seus estudos, foi contemplada nos artigos que trazem desde sua concepção política, muito bem apresentada em “Diáspora lusófona em foco: escolas brasileiras no Japão” e “Brasil versus Portugal: uma reflexão sobre a identidade brasileira nas guerras memais”, chegando a “Políticas educacionais, cooperação e lusofonia: a presença brasileira em Timor-Leste” e reverberando na sala de aula, em outras dimensões, no artigo “Estudos Lusófonos e aulas de língua portuguesa: perspectivas”. Ainda nesse espaço dialógico que é o discurso pedagógico, a abordagem literária está contemplada, trazendo a África para a sala de aula em “Angola se faz presente na escola: um breve estudo do romance *Mayombe*, de Pepetela” e discutindo também as questões da cultura e da identidade africanas de forma relevante em “Lusofonia, cultura e identidade: o caso moçambicano”. A abordagem discursos lusófonos e pedagógicos tem sua conclusão com o artigo que trata do material didático: “Livros didáticos lusófonos: a semântica no sexto ano de Cabo Verde e do Brasil”.

Os artigos “A questão da ortografia no processo de alfabetização: aspectos sociofonéticos” e “A língua portuguesa à luz das mudanças tecnológicas e suas implicações na educação” complementam as reflexões pedagógicas, ampliando-as para a questão tecnológica.

Por fim, atingindo os objetivos propostos por este dossiê, apresentamos as reflexões sobre o discurso que são referendadas nos artigos “Estratégias de cortesia para a preservação das faces: uma breve análise de *feedbacks* veiculados em ambientes virtuais de aprendizagem”, “Referenciação e argumentação em ‘Negro’, esquete do Porta dos Fundos”, “Dialogismo, interdiscurso e heterogeneidade constitutiva na carta-testamento de Getúlio Vargas” e “Uma escrita literária feita de saliva e de ouvidos: um estudo sobre *Terra sonâmbula* e *A varanda do Frangipani*, de Mia Couto”, trazendo ao leitor a possibilidade de conhecer a pesquisa acerca dos fenômenos da linguagem e as estratégias – discursivas e argumentativas – das quais se vale para atingir seus objetivos comunicativos.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos de estado*. Lisboa: Presença: Martins Fontes, 1974.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.
- KOCH, I. G. V. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- LOURENÇO, E. *A nau de Ícaro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, SP: Pontes: Editora Unicamp, 1989.
- MAINGUENEAU, D. *Analyser les textes de communication*. Paris: Dunod, 1998.
- MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2005.
- MAINGUENEAU, D. *Cenas da enunciação*. Organização Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza e Silva. Curitiba: Criar, 2006.
- MAINGUENEAU, D. *Doze conceitos em análise do discurso*. Organização Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza e Silva. São Paulo: Parábola, 2010.
- MAINGUENEAU, D. *Variações do ethos*. São Paulo: Parábola, 2020.
- ORLANDI, E. P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2000.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*. Campinas: Editora Unicamp, 1988.

NEUSA MARIA OLIVEIRA BARBOSA BASTOS
NANCY DOS SANTOS CASAGRANDE
Organizadoras